

OS IMPACTOS DA HIDRELÉTRICA DE MARABÁ NAS FESTIVIDADES DO DIVINO NA VILA ESPÍRITO SANTO, NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA

THE IMPACTS OF THE MARABÁ HYDROELECTRIC POWER PLANT ON THE FESTIVITIES OF THE DIVINO IN ESPÍRITO SANTO VILLAGE, IN MUNICIPALITY OF MARABÁ-PA

Priscila Dias Pinto **1**
Airton dos Reis Pereira **2**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como a construção da Hidrelétrica de Marabá, uma vez construída, poderá afetar diretamente as dinâmicas econômicas, sociais e culturais dos moradores da vila Espírito Santo, no município de Marabá, especialmente as festividades do Divino Espírito Santo que se realizam todos os anos, nesse território. Se essa hidrelétrica for construída essas festividades, que tem se apresentado como espaço de manifestações religiosas, de reafirmação e de construção de laços socioculturais e de identidades dos moradores da Vila Espírito Santo, poderão deixar de existir.

Palavras-chave: Hidrelétrica de Marabá. Vila Espírito Santo. Festividades do Divino Espírito Santo.

Abstract: This work aims to analyze how the construction of the Marabá hydroelectric power plant, once built, can directly affect the economic, social and cultural dynamics of the residents of the Espírito Santo village, in the municipality of Marabá, especially the Divino Espírito Santo festivities that take place every year in that territory. These festivities, which have been presenting themselves a space for religious manifestations, for reaffirming and for building sociocultural ties and identities of the residents of the Espírito Santo village, may cease to exist if this hydroelectric plant is built.

Keywords: Marabá Hydroelectric Power Plant. Espírito Santo Village. Festivities of the Divino Espírito Santo.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5173797881121497>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4712-9234>.
E-mail: prisciladiaspinto@yahoo.com.br **1**

Doutor em História, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Professor Adjunto I, da Universidade do Estado do Pará, Campus de Marabá, e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0851732561782533>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8138-0169>. E-mail: airton@uepa.br **2**

Introdução

A Vila Espírito Santo, no município de Marabá, é uma das dezenas de comunidades que se localizam as margens dos rios Tocantins e Araguaia que poderão desaparecer com a implantação da hidrelétrica de Marabá. Assim como as cidades de São João do Araguaia e Esperantina e os povoados de São Raimundo do Araguaia e Apinagés, a Vila Espírito Santo será totalmente inundada. Cerca de dezoito ilhas também desaparecerão.

Essa vila possui cerca de 105 famílias (mais de 500 pessoas) que sobrevivem da pesca, do pequeno comércio, da produção familiar em pequenas chácaras e de serviços temporários na construção civil e em fazendas da região, mas poderão ser deslocadas, uma vez que aquele espaço se encontra numa posição estratégica da construção da Hidrelétrica. Segundo informações da Eletronorte, um grande paredão de concreto irá dividir a vila ao meio. De um lado dará lugar ao lago e do outro o canteiro de obras (CORREIO DO TOCANTINS, 01/07/2013).

Nessa vila, todos os anos, se festeja o Divino Espírito Santo. Esse festejo, que também dá nome à vila, é um ritual religioso católico realizado entre os meses de março e junho, conforme o calendário pentecostal. Segundo o antropólogo Sergio Ferretti (1999), o festejo do Divino é um ritual do catolicismo, mas que em algumas regiões maranhenses está ligado ao *tambor de minas*, uma religião afrodescendente. Na vila Espírito Santo, embora não seja ligado diretamente alguma religião afrodescendente, trata-se de um festejo que vai além de missas, rezas e cortejos, tornando-se um espaço de sociabilidades e de encontros e reencontros familiares. Assim, a construção da Hidrelétrica de Marabá causará não só danos materiais com a inundação e destruição total da vila Espírito Santo, mas perdas culturais irreparáveis. Ou seja, quando grupos sociais perdem os seus territórios, eles perdem as suas referências espaciais e culturais fundadas no espaço. Perdem, portanto, seus elos, sua base identitária e a substância de sua história.

O propósito deste trabalho é, portanto, analisar como a construção da Hidrelétrica de Marabá, poderá afetar diretamente as dinâmicas econômicas, sociais e culturais dos moradores da vila Espírito Santo, no município de Marabá, especialmente as festividades do Divino Espírito Santo que se realiza todos os anos, nesse território, se apresentando como um espaço de manifestações religiosas, de reafirmação e de construção de laços socioculturais e de identidades dos moradores.

Para construção deste texto, além das fontes bibliográficas e documentais, foram imprescindíveis as informações propiciadas por meio da história oral, um tipo de metodologia especial na produção e análises de fontes orais, realizada com a interferência direta do pesquisador nas quais se cruzam intersubjetividades. Segundo Delgado (2006), a história oral é “uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva” (p. 18). Nessa perspectiva, analisamos cerca de cinco entrevistas realizadas com moradores da Vila Espírito Santo e foliões do festejo do Divino, em 2017. Para este trabalho, a história oral se demonstrou também pertinente porque possibilita captar opiniões ou pontos de vistas que provavelmente não seriam capazes por meio de outras estratégias de pesquisa.

Contudo, não tomamos o relato oral de memória “como se este fosse capaz de oferecer uma representância da totalidade do acontecimento narrado” (CAVALCANTI, 2019, p.8) nem tão pouco como comprovação do real, mas como “índice, sinal ou outras vezes signo daquilo que se nomeia real, realidade” (MONTENEGRO, 2011, p.231). Segundo Guimarães Neto (2000, p.103),

as ‘histórias relatadas’ são, antes de tudo, vidas ou acontecimentos lembrados. As recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualização do passado no presente.

Portanto, é preciso dispensar às fontes orais os mesmos controles críticos utilizados no tratamento de outras fontes documentais (LOZANO, 2002; GUIMARÃES NETO, 2000).

A Hidrelétrica de Marabá

As Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A (ELETRONORTE), em conjunto com a Construtora Camargo Corrêa S/A, a partir de 2007, na tentativa de viabilizar os objetivos do Programa de Aceleração do Crescimento do então Governo Federal, fizeram, entre 2007 e 2013, um estudo na região, visando à implantação da Hidrelétrica de Marabá, no rio Tocantins, a 5.000 metros acima da atual ponte rodoferroviária.

Segundo esses estudos, essa hidrelétrica, uma vez implantada, poderá produzir 2.160 mW de energia elétrica que facilmente serão lançados no sistema de interligação nacional devido à proximidade da rede básica de transmissão. Mas os mesmos estudos preveem a inundação de uma área de 1.014 Km², podendo afetar cerca de 40.000 pessoas que vivem às margens dos rios Tocantins e Araguaia, dos municípios de Bom Jesus do Tocantins (PA), Brejo Grande do Araguaia (PA), Marabá (PA), Palestina do Pará (PA), São João do Araguaia (PA), Ananás (TO), São Sebastião do Tocantins (TO), Araguatins (TO), Esperantina (TO) e São Pedro da Água Branca (MA). Além de 36 Projetos de Assentamentos (12 no Pará; 2 no Maranhão; e 22 no Tocantins), vilas, povoados, uma terra indígena e o Parque Estadual Encontro das Águas, que se localizam as margens dos rios Araguaia e Tocantins serão diretamente afetados. Cerca de 18 ilhas serão totalmente inundadas, assim como as cidades de Esperantina, no estado do Tocantins, e São João do Araguaia, no Pará.

A Vila Espírito Santo será totalmente destruída por essa usina, que promete produzir energia para atender, principalmente, os grandes projetos econômicos da região e as indústrias do Sudeste do País, especialmente de São Paulo e do Rio de Janeiro, além de possibilitar a navegabilidade nos rios Tocantins e Araguaia.

Nesse sentido, para além da produção de energia elétrica, nos parece que uma das justificativas da construção da barragem da Hidrelétrica de Marabá seja a hidrovia Araguaia-Tocantins já que a mesma facilitará o escoamento de diversos produtos da região, como minério, bois e soja. Por essa razão, talvez o interesse do Governo Federal e de empresários na construção de um canal na altura do Pedral do Lourenço, logo acima do lago de Tucuruí, para possibilitar a navegabilidade de grandes embarcações pelo rio. Ou seja, se por um lado a referida hidrelétrica possa ser um empreendimento que vá possibilitar a produção de energia elétrica e facilitar a navegação pelo rio Tocantins, por outro trará sérias consequências ambientais, sociais e econômicas às populações mais pobres de cidades, vilas, povoados, comunidades rurais e indígenas da região.

A Vila Espírito Santo encontra-se justamente onde está sendo planejado a construção de um muro de 11.000 metros de comprimento e 30 metros de altura visando o barramento do rio, onde possivelmente serão instaladas as 16 turbinas de geração de energia elétrica. Ou seja, um grande paredão de concreto e aço irá dividir a comunidade. De um lado, ficará a barragem, do outro lado, o canteiro de obras, fazendo com que não se tenha mais condições de sobrevivência neste território, o que afeta inteiramente a comunidade.

As festividades do Divino Espírito Santo na vila Espírito Santo

A vila Espírito Santo surgiu em 1940. Desde então tem sofrido com as enchentes do rio Tocantins. Com a enchente de 1980, considerada uma das maiores desde o surgimento da cidade de Marabá, no final do século XIX (PEREIRA, 2015), a vila foi transferida, temporariamente, para um lugar distante dali, cerca de 700 metros acima da margem do rio. Naquela época, foi uma alternativa encontrada pelos moradores para escaparem das perdas causadas pela enchente.

O surgimento dessa vila foi num contexto econômico peculiar de exploração de diamantes no rio Tocantins, considerada uma das atividades econômicas mais importantes para Marabá. A lavra das gemas que teve início no ano 1937 em Praia Alta, distrito de Itupiranga, estimulou a migração de garimpeiros, trabalhadores e comerciantes para a região (CARUJO, 2016).

A vila, segundo relatos de alguns moradores, deve-se a um garimpeiro conhecido como “Cabeludo”, que se instalou no lugar, no auge da exploração de diamante no rio Tocantins. Durante algum tempo a vila era conhecida como “Cabeludo”. Entretanto, com a chegada de Dona

Eliza Chavito e seu esposo, o sr. Benvindo Chavito, juntamente com seu filho Juarez Chavito, por volta do ano de 1930, ambos devotos do Divino Espírito Santo, a vila passou a se chamar Espírito Santo, nome que permanece até os dias atuais (SILVA, 2014).

Ali, as festividades do Divino Espírito Santo, iniciadas pela família Chavito, nessa ocasião, permanecem até hoje. Trata-se uma festa religiosa católica que ao longo dos anos foram tendo características locais próprias. Estas festividades, que tem suas raízes europeias (século XIII), trazidas pelos imigrantes portugueses ainda no período colonial, passaram por readaptações adquirindo características específicas e locais, com influências africanas e populares, onde se entrelaçam práticas sagradas e profanas (SOUSA, 2013; SANTOS, 2015). No Maranhão, por exemplo, segundo Ferretti (1999), as festividades do Divino Espírito Santo incorporaram elementos da cultura africana e indígena em seus rituais, espalhando o sincretismo já existente no estado. Na vila Espírito Santo, embora não seja possível perceber a ligação direta com religião afrodescendente, além de missas, rezas e cortejos, é um espaço de sociabilidades e de encontros e reencontros familiares e de amigos.

Todos os anos, essas festas são organizadas e coordenadas pelos moradores mais antigos, entre eles, aqueles que nasceram na vila e levam a vida como pescadores, ribeirinhos de ilhas nas margens adjacentes à vila e alguns foliões e devotos que vem de festejos próximos à comunidade. As festividades do Divino Espírito Santo, nesta comunidade, acontecem todos os anos cinquenta dias depois da páscoa, período conhecido como pentecoste e agregam um total de nove dias. O ponto central dessas festividades é na capela da Igreja Católica. Os rituais sempre começam e terminam na igreja, desde a visita aos foliões já falecidos, no cemitério local, até o ritual do “levantar e derrubar o mastro”, tendo como figuras principais, a *imperadora*, o *capitão do mastro*, a *alferes da bandeira*, os *anjos*, as *rosas* e os *foliões* que tocam variados instrumentos.

Por meio de uma entrevista com a duração de 2 horas e 15 minutos, realizada no dia 5 de julho de 2017, na vila Espírito Santo, Miriam Andrade, neta de Eliza e Benvindo Chavito, conta como iniciou as festividades do Divino Espírito Santo na vila.

Então, começou com a minha avó. Quando a minha avó faleceu, minha mãe tomou de conta do festejo. Além da minha mãe, tem o meu tio que festeja em Apinagés. Minha mãe ficou muito tempo festejando e a gente ajudando, fazendo parte da coordenação, mas ela também coordenava a igreja da comunidade. Quando ela faleceu, como a gente sempre estava trabalhando junto com ela, eu, minha irmã e minha outra prima, assumimos essa missão. Não é igual quando era no tempo em que minha mãe festejava, mas tentamos seguir da maneira que ela fazia. Ela tinha um amor muito grande pelo festejo do Divino, ela se doava por inteiro e com a maior dedicação. A gente está tentando dar continuidade porque a gente vê que vem de família, uma tradição, temos que cultivar essa cultura porque se pararmos sabemos que se acaba, não é fácil e você pode ver porque nos acompanhou nesses dias (Miriam Andrade, 05/06/2017).

Miriam desempenha um papel fundamental nas festividades. Além de manter viva a festa, é também uma forma de manter a tradição familiar para que não se perca em meio ao tempo, sobretudo agora no contexto da possível implantação de uma hidrelétrica no rio Tocantins, que pode destruir, por completo, a Vila. Ela relata que tenta preservar todos os rituais das festividades. Isso é facilmente verificado no respeito ao calendário pentecostal¹. Tanto na vila do Espírito Santo, quanto na vila Apinagés,² se mantem o calendário pentecostal. Todos os

1 O Pentecoste é celebrado cinquenta dias depois do domingo de Páscoa, e ocorre no sétimo dia depois da celebração da Ascensão de Jesus.

2 A Vila Apinagés está localizada às margens do rio Araguaia, município São João do Araguaia. Com a construção da Hidrelétrica de Marabá, segundo informações da Eletronorte, será totalmente inundada.

anos, cinquenta dias depois da Páscoa se realiza a Festa do Divino Espírito Santo, nessas duas vilas. Na vila Apinagés, o responsável é o tio materno de Mirian Andrade, irmão da já falecida Maria da Conceição.

As festividades do Divino Espírito Santo, na vila Espírito Santo se estrutura da seguinte forma:

1 - “Imperador” ou “Imperadora”: é o folião ou a foliã mais “importante”. Normalmente é o “dono” ou a “dona” do divino, tem algum voto com o santo ou recebeu o encargo como herança de família;

2 - Alferes-da-Bandeira: é o porta bandeira, conduz o estandarte do Divino.

3 - Salveiro: é o que conduz a coroa, sendo o guardião e o zelador direto do Divino;

4 - Caixaero: é uma espécie de “corneteiro” que anuncia ao toque da caixa, a saída e marca os cânticos do Divino;

5 - Violeiros ou 1º e 2º folião: têm as mesmas funções. Tocam e cantam simultaneamente com os pandeiristas.

6 - Pandeiristas ou 1º e 2º folião: cantadores e acompanhantes;

7 - Bagageiro: é o responsável por guardar as “joias” do Divino, ou seja, as ofertas (em dinheiro e alimentos) que são doados ao Divino durante as “esmolações” ou “giros”.

8 - As 9 rosas: 3 rosas brancas, 3 vermelhas e 3 amarelas representam o colorido do Divino (já tem uns dois anos que se tem apenas uma rosa de cada cor).

9 - Os anjos: a proteção do Divino.

Foto 1. Da esquerda para a direita: as rosas, a alferes, o capitão do mastro e os anjos



Fonte: Priscila Pinto (2019).

Foto 2. Os foliões, a imperadora, e o capitão do mastro



Fonte: Priscila Pinto (2019).

Como podemos observar nas fotos, as indumentárias são bem coloridas. Os foliões usam uma pequena toalha branca no pescoço e adereços. A bandeira simboliza o Espírito Santo. Ela é feita de um tecido vermelho de linho. Às vezes é feita de outros tecidos, como seda. No centro da bandeira há um desenho de uma pomba que simboliza a liberdade, a paz e a pureza. Na ponta do mastro da bandeira fica uma pomba feita de gesso branco. O alferes, responsável pela bandeira, faz diferentes movimentos com ela à medida que são entoados os cantos do Divino. Esse movimento (o balançar) da bandeira simboliza a pomba voando e abençoando os devotos, os objetos e os lugares.

Vale afirmar que as Festividades do Divino Espírito Santo agregam um total de nove dias, porém no sétimo dia, decorrente desse total de nove dias, estão os rituais que são chamados de altos das festividades:

No sétimo dia acontece uma procissão com a saída da Capela da comunidade. Essa procissão segue até o cemitério da vila, onde os foliões entoam cantos aos foliões já falecidos. Neste percurso eles costumam visitar as casas dos moradores mais velhos, além de entoar seus cânticos durante essa caminhada até a chegada ao destino.

No oitavo dia, sempre num sábado, o almoço e a janta são oferecidos pelo capitão do mastro e alferes da bandeira para os foliões e as pessoas que ali estiverem presentes. Neste dia, ao pôr-do-sol, levanta-se o mastro. O pai do capitão do mastro fica responsável para retirar da mata uma árvore fina, de mais ou menos nove metros de comprimento, e trazê-la até o pátio da igreja. Ali ela é descascada e enfeitada com um tecido vermelho ou pintado. Uma vez o mastro pronto, já pode receber o estandarte do Divino que é confeccionado pela família do alferes. Neste ritual, os atores principais são o capitão do mastro, que tem o papel de guardar o mastro; e a alferes da bandeira, que é encarregada pela guarda do estandarte do Divino. Nesse ritual, os dois fazem a junção de seus objetos para que ocorra a *levantação* do mastro. No rito de *hasteamento*, enquanto o mastro é levantado, os foliões entoam cânticos. Assim que o mastro é fincado ao chão, os foliões cantam e dançam fazendo círculos em torno dele.

O nono dia, que incide no domingo, o almoço é oferecido pelo *Imperador* como forma de agradecimento aos foliões. Já à noite, desse dia, é rezado o terço do Divino Espírito Santo.

Outro ponto importante das festividades acontece na segunda-feira. Nesse dia são entoados cânticos de despedida do Divino enquanto o mastro é derrubado. Nesse momento os foliões prometem voltar no ano seguinte.

Na vila Espírito Santo, os rituais aqui descritos fazem parte da dinâmica religiosa, cultural e social dos moradores que ali vivem. A implantação da Hidrelétrica de Marabá significará não só a inundação total da vila e, conseqüentemente, o deslocamento compulsório da população, mas perdas de referências econômicas, sociais, espaciais e culturais (HAESBAERT, 2004).

Folião: José Monteiro Chavito

José Monteiro Chavito, conhecido como “Seu Zezim”, é irmão de Dona Maria Conceição, morador da Vila Espírito Santo e folião das festividades do Divino Espírito Santo daquela vila desde a infância. Ele faleceu em 26 de maio de 2019. Dois anos antes, isto é, em 27 de maio de 2017, nos concedeu uma entrevista de 1 hora e 40 minutos em sua residência. As suas memórias nos revelam como ser folião com muita fé e amor. Ele cresceu entrelaçado ao festejo. Em sua fala é possível perceber grande estima pelas festividades. Preocupado com a tradição do festejo, procura de todas as maneiras mantê-lo não somente onde reside (a vila Espírito Santo), mas também nas comunidades próximas onde estas festividades ainda são realizadas.

O sr. Chavito tem respeito e muita fé no Divino Espírito Santo. Isso foi perceptível não só na sua fala, mas no brilho de seus olhos e na sua postura corporal, incluindo os sinais emitidos pelo rosto e pelas mãos quando lhe foi perguntado sobre as suas experiências ao longo dos anos nos festejos. Ou seja, quando trabalhamos com fontes orais, nem sempre os sentimentos que as pessoas têm são expressados por meio das palavras ditas, mas por meio de uma linguagem inscrita no corpo. As emoções e as sensações que os entrevistados expressam quando narram certos acontecimentos só podem ser de fato palpáveis se forem vivenciados pela pessoa que realiza a entrevista. Nessa perspectiva, Guimarães Neto (2012), compreende

como fundamentais nas pesquisas com história oral, “os gestos, os silêncios, as imagens que se projetam das palavras, ou seja, uma linguagem inscrita no corpo, que não se confunde ou não se reduz aos ‘gestos e silêncios’ produzidos em um discurso que iguala tudo a subjetividade (ou a uma ideia equivocada de ‘subjetividade’)” (p.28).

Logo que entramos na casa do sr. José Monteiro Chavito, foi possível ver a bandeira do Divino posicionada, visivelmente estampada, mas também alguns instrumentos musicais usados nas festividades, como o seu pandeiro. Embora a entrevista tenha começado com a pergunta “Como você se chama?”, Chavito contou-nos, primeiramente, uma história que envolveu a bandeira do Divino:

Um dia desses chegou umas pessoas aqui em casa, eram crentes, o pastor e mais quatro pessoas, a conversa foi a seguinte: “Vamos sentar”, falei para eles. Aí o pastor falou: “Como você está seu Chavito?”. Eu respondi: “Estou bem”. “Está bem mesmo?”, disse ele. “Eu tenho fé em Deus e com isso fica bom”, falei para ele. Ai um cara que acompanhava o pastor olhou para dentro de casa e perguntou: “Ei seu Chavito você brinca de boi?”. “Por que está perguntando isso?”, respondi. “E aquela bandeira vermelha ali”, insistiu ele. Rapaz, não precisou nem eu falar para o rapaz, o pastor puxou ele e tirou de dentro da minha casa. Acredita que o cara nunca mais pisou aqui. Eu fiquei pensando: repara como são as coisas, qual a diferença de uma pombinha do Espírito Santo, o rapaz chega aqui com uma conversa dessa de brincar de boi (risos). Na minha opinião ele chamou a pombinha até de animal ohh. Só sei que o rapaz pegou seu livro e foi embora. Mas eu falei: “ninguém brinca de boi aqui não, ali é a bandeira do Divino Espírito Santo”. E ele: “eita, me desculpa”. O pastor disse para ele prestar atenção: “rapaz ali é o Espírito Santo, ali não é ele mesmo puro, mas a representação porque ele mesmo, o Divino Espírito Santo, poucas pessoas o vê” (José Monteiro Chavito, 27/05/2017).

Como é possível constatar no fragmento acima, que a vida do sr. Chavito está relacionada diretamente às festividades do Divino Espírito Santo, assim como para vários moradores da vila, embora haja outras manifestações religiosas como demonstrado na narrativa. Para o folião, considerar que a bandeira do Divino faça parte da festa do boi foi nomear a pomba do Espírito Santo como animal, uma forma de minorar a sua fé e a dedicação dele e de vários moradores da vila às festividades do Divino. Mas para ele, o próprio pastor, líder de outra religião, reconheceu o equívoco de seu colega à medida que viu na pombinha desenhada na bandeira a representação do Espírito Santo.

A fala do sr. Chavito está ancorada na fé católica, da presença do Espírito Santo junto aos cristãos.³ Menosprezar a bandeira do Divino para os foliões, é depreciar o próprio Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade que, com amor e graça, distribui os seus dons - sabedoria, paz, bondade, abundância, alegria, proteção e cura das doenças – à humanidade (SOUSA, 2017). “A mamãe sempre dizia quem cura é a fé”, afirma ele. “Se você tiver fé no Divino Espírito Santo você pode fazer seu pedido que é abençoado. Agora se não tiver fé nada feito”, continua ele.

Por essa razão o Sr. Zezim se tornou um folião andarilho. Nas proximidades da vila Espírito Santo, onde se festeja o Divino, quase sempre ele procura estar: ele e seu pandeiro.

3 Nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, por exemplo, o Espírito Santo aparece materializado em forma de pomba sobre Jesus tão logo foi batizado.

Eu tenho andado nas divindades um bocado de tempo, fico muito animado, alegre mesmo, eu vou para qualquer lugar mesmo que me chamarem, mas tem gente que diz que não vai para qualquer lugar não, eu digo que não vou às vezes, mais acabo indo quando chega perto do festejo, eu e esse pandeiro (José Monteiro Chavito, 27/05/2017).

Seu Zezim é um folião pandeirista. Ele relata que sempre tocou pandeiro. O único instrumento musical que tocou nas festividades. Em sua casa, além da bandeira do Divino, o seu pandeiro fica dependurado na parede e, ao lado, o seu chapéu. Se pudesse participaria de todas festividades do Divino Espírito Santo da região, sobretudo aquelas organizadas por seus parentes: “Já faz um bocado de ano que eu festejo. Tem minha irmã bem aqui, a Conceição. Tem meu irmão na vila Apinagés que também festeja. Só tem um problema: os dois festejam no mesmo período. Eu queria que eles combinassem, aí eu poderia festejar aqui e lá”.

Todos os anos ele escolhia um lugar diferente para cantar e tocar seu pandeiro. Apesar de sua idade já avançada, com 77 anos, com plena consciência que deveria diminuir o seu ritmo de folião andarilho, Seu Zezim não parava. Para ele, a sua participação nos festejos era algo maior do que ele próprio. Quando chegava à época, arrumava a sua mochila, pegava o pandeiro e ia festejar. Os moradores da vila Espírito Santo relataram que todos os anos ele dizia que ficaria apenas no festejo da vila, mas quando procuravam por ele, já tinha ido para algum lugar para rezar e cantar ao Divino. Relembrando a sua infância quando começou a festejar o Divino, ele conta de um milagre recebido logo no início de sua adolescência:

Eu já tinha andado nas divindades já assim uns três anos, quando eu adoeci. Você acredita que eu não caminhava de jeito nenhum. A minha mãe, com muito cuidado comigo. Só sei que quando deu umas oito para nove horas eu escutei a caixinha do Divino bater aí eu disse: “mãe, mãe ... encosta aqui”. Ela veio e eu disse para ela: “a senhora está escutando a caixinha do Divino bater?” Ela respondeu: “Hum”. “A caixa do Divino, escute mãe”. E não é que vinha mesmo. Daí todo mundo foi encostando lá no posto, soltaram foguetes. Eu disse: “mãe eu estou com tanta vontade de ir, mas não posso, mas a senhora vai e eu fico”. Mas ela disse que não ia e que ficaria comigo. Eu fiquei insistindo para ela ir. Ela foi. Quando saiu todo mundo eu fiquei sozinho. Fazia toda força para levantar da rede. Aí falei numa hora: “se o Divino Espírito Santo me der uma saúde eu vou na reza nem que seja com um bastãozinho”. Quando eu olho para o lado tinha uma coroa encostada na minha rede, bem pertinho mesmo. Eu fiquei pensando, achei estranho, contei para mamãe: “mãe você não sabe nem quem veio aqui”. E ela: “quem foi meu filho”. “Meu pai eterno estava bem aqui, eu vi a coroinha dele”. Daí eu fui rezando. Depois disso fui melhorando. No outro dia na hora que deu a noite eu disse para mamãe que eu ia à reza. Eu me levantei meio ruim. Minha mãe cortou um pauzinho e eu fui de bastãozinho mesmo, cachingando. Daquele dia em diante, graças a meu bom Deus, eu fiquei foi bom. Foi ele que me deu força. Mamãe disse: “meu filho a gente quando vê assim nem conta para os outros, senão fica difícil de ver novamente” (José Monteiro Chavito, 27/05/2017).

A cura foi a principal razão para que o Sr. Chavito se tornasse um folião fervoroso e andarilho: “Daquele dia em diante, graças a meu bom Deus, eu fiquei foi bom. Foi ele que me deu força”. A graça recebida foi por intermédio do Espírito Santo. Este, segundo os devotos do Divino, da vila Espírito Santo, tem o poder das bênçãos. Os abençoados não são só aqueles que recebem algum milagre, mas aqueles que são confortados nos momentos de tristezas ou

algumas dificuldades financeiras ou problemas familiares. Mas também aqueles que fazem do festejo momentos de encontro e reencontro familiares e de amigos. Ou seja, a devoção é compartilhada pela comunidade, estabelecendo relações e compromissos, como o pagamento de promessas e os rituais de adoração.

Dona Rosa Cavalcante, filha de José Calixto, o caixeiro da folia⁴, também um folião andarilho, nos conta que o seu pai, devoto do Divino, mesmo idoso não deixava de ir às festas do Divino da região, sempre influenciando-a a participar da folia.

Faz tempo que o papai é folião. Eles rodam esses lugares tudo, Apinagés, Marabá, Cidade Nova e outros lugares, a mamãe faz muitos anos. Eu até convidei as meninas do São Felix para vim para cá. Sempre o papai falava: “quando eu faltar minhas filhas, vocês vão pelo menos para as rezas do festejo sem compromisso mesmo, só para não esquecer de mim”. Sempre ele fala que já estava velho, mas também dizia que tem muito novo morrendo antes dos velhos. Ele fala para nós que o Divino é bom, já livrou ele de tantas coisas ruins, ele acredita demais, ele não fica sem ir não, ele pode é não ter dinheiro, mas dá um jeito, pede emprestado, arruma uma coisa daqui, arruma outra dacolá e vai mesmo, passa dias e dias fora daqui andando nas divindade (Dona Rosa Cavalcante, 27/05/2017).

É por meio desta festa religiosa que inúmeros moradores da vila Espírito Santo compartilham as suas crenças, as devoções, angústias, alegrias. É ali na vila, espaço vivido - lugar de práticas econômicas, culturais e religiosas - que estão os modos de representação que são sustentados pela memória individual e coletiva dos moradores. Assim, podemos entender que as relações sociais nos espaços envolvem aspectos materiais e simbólicos, que numa ligação com a produção da memória nos auxiliam na compreensão do sentido de pertencimento. Nesse sentido, podemos apreender o território como espaço de referências, construção de identidades e de resistências (SAQUET, 2009; HAESBAERT, 2002).

A construção de hidrelétricas no Brasil tem sido uma prática de danos ambientais e de destruição de laços familiares e de vizinhança, de desestruturação de práticas econômicas e culturais. A vila Espírito Santo tem uma dinâmica econômica e cultural peculiar. A grande maioria dos moradores que ali reside fizera desse lugar a sua moradia. São pescadores, pequenos agricultores, chacareiros ou trabalhadores com serviços temporários em atividades diversas como em roço de juquirá em fazendas ou pequenas propriedades da região. São ainda pequenos comerciantes que possuem barracas no tempo do verão nas praias que se formam em alguns pontos do rio Tocantins. São ainda trabalhadores, em sua maioria jovens, que no verão conseguem ganhar algum dinheiro como barqueiros ou manobrista de carro nos estacionamentos improvisados na beira do rio. Alguns moradores vendem poupas de frutas cultivadas nos quintais, galinhas, hortaliças, legumes, dentre outras coisas.

A construção da Hidrelétrica de Marabá, além de possibilitar perdas irreparáveis aos moradores com a destruição de casas, igrejas, escolas, chácaras, roças e comércios, se apresenta também como grande potencial de destruição de laços de amizade e redes de sociabilidades com vizinhos, amigos de infância, parentes entre outros. São laços de pertencimento que não são levados em conta nas políticas de construção das barragens na Amazônia. O deslocamento compulsório resultará na perda dos laços de amizade e de convivência no território e, provavelmente, na desestruturação das manifestações religiosas por meio das festividades do Divino Espírito Santo realizadas todos os anos. Os devotos, por exemplo, não poderão visitar, cantar e pedir proteção aos foliões mortos no cemitério local como fazem todos os anos no sétimo dia do festejo.

4 É uma espécie de “corneteiro” que anuncia ao toque da caixa, a saída e marca os cânticos do Divino.

Considerações Finais

A possibilidade da construção de uma hidrelétrica no rio Tocantins, nas proximidades da cidade de Marabá, surgiu em 1976, no período da ditadura militar, quando o Governo Federal fez o primeiro inventário da Bacia do Rio Tocantins. O barramento do rio, conforme se previa, se localizava mais ou menos a 20 quilômetros, a montante, da cidade de Marabá. Em 1981, esse inventário foi revisado. O barramento do rio deveria ser mais ou menos a 9 quilômetros, num espaço de estreitamento do rio. A partir de 2007, com os estudos de viabilidade da referida hidrelétrica, autorizados, em 2005, pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), ligada ao Ministério de Minas e Energia (MME), se apontou para a construção da barragem, o espaço localizado mais ou menos a 5 quilômetros acima da ponte rodoferroviária, onde passa o trem de minério da Vale. Ali o canal do rio é mais estreito e rochoso.

Numa reunião pública, coordenada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em Marabá, no dia 24 de setembro de 2007, o consórcio Eletronorte-Camargo Corrêa, responsável pelos estudos de viabilidade da hidrelétrica, apontou a facilidade de se conectar ao Sistema Integrado Nacional (SIN), distante uns 20 quilômetros, como justificativa plausível à construção do empreendimento. Ou seja, o MME, apontava, naquela ocasião, o aumento da demanda de energia no Centro-Sul do País e, embora, tivesse informações que o lago poderia deslocar mais de 40.000 pessoas de suas casas e causar inúmeros impactos ambientais, a construção da hidrelétrica se justificaria em razão do baixo custo na construção de infraestrutura de transmissão de energia para outras regiões do País. Com potencial para gerar 2.160 megawatts de energia, a previsão de Licença de Operação (LO) seria para o ano de 2023.

Embora os estudos de Impacto Ambiental tenham sido realizados, menos na parte que afetará diretamente a Terra Indígena Mãe Maria, dos povos indígenas Gavião, as ações que vinham sendo realizadas visando à implantação da referida hidrelétrica foram paralisadas em 2016. Mas isso não significa que a construção do empreendimento não seja retomada. Como procuramos demonstrar ao longo deste texto, se a hidrelétrica for construída, diversas vilas, povoados, cidades e comunidades rurais às margens dos rios Tocantins e Araguaia serão impactadas diretamente, entre elas, a vila Espírito Santo, formada por mais de 500 pessoas.

Mas o deslocamento compulsório da população resultará não só em perdas econômicas, materiais e ambientais. As festividades do Divino Espírito Santo que reúne moradores e devotos da região provavelmente será diretamente afetada e poderá deixar de existir enquanto manifestação religiosa, de reafirmação e de construção de laços socioculturais e de identidades dos moradores da Vila Espírito Santo.

Referências

CARUJO, C. A. **História dos municípios paraenses**. Editora Samballah, v.3, 2016. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00601086058434c5c9816>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CAVALCANTI, E. V. Para destruir a memória e demolir o patrimônio: algumas questões sobre a história e seu ensino. **Revista Brasileira de História e Educação**, v.19, 2019. p. 2-22. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/45137>. Acesso em: 24 nov. 2019.

CANTEIRO de obras vai engolir a pacata vila Espírito Santo, **Correio do Tocantins**, Marabá - PA, 01 de jul. de 2013.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRETTI, S. F. **Festa do Divino no Tambor de Mina: Estudo de ritos e símbolos na religião e na cultura popular**. São Luís-MA, GPMINA - Núcleo de Pesquisa Religião e Cultura Popular, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/181>. Acesso em: 29 mar.2020.

GUIMARÃES NETO, R. B. Artes da memória, fontes orais e relato histórico. **História & Perspectivas**, Uberlândia-MG, (23): 99-114, jul/dez, 2000.

_____. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni Rosa; MONTYSUMA, Marcos F. Freire; MONTENEGRO, Antônio Torres. (Orgs.). **História, diversidade, desigualdade**. Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE, 2012, v. 1, p. 15-37.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF, 2002.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 5ª edição, Rio de Janeiro, 2002.

MONTENEGRO, A. T. Ação trabalhista, repressão policial e assassinato em tempos de regime militar. Rio de Janeiro, **Topoi**, v. 12, n. 22, jan./jun. 2011, p. 228-249.

PEREIRA, A. R. A cidade invisível de Marabá. In: CAVALCANTI, Erinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.). **A história e suas práticas de escrita: leituras do tempo**. Recife, UFPE, 2015. p.51-75.

SANTOS, A. A. O. **A Festa do Divino Espírito Santo**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/a-festa-do-divino-esp%C3%ADrito-santo.pdf?sfvrsn=0>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1.ed. São Paulo. Expressão Popular. UNESP. 2008, p. 73-94.

SILVA, C. B. **A Comunicação da Usina Hidrelétrica de Marabá traduzindo uma situação social de conflito: reflexões a partir de um território ribeirinho do sudeste paraense**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá, 2014.

SILVA, J. Da beira do rio e da festa do divino: um olhar sobre o processo de formação histórica da vila Espírito Santo. **Boletim Técnico da Casa da Cultura da Marabá, nº 3**. Marabá, 2004.

SOUSA, P. M. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins**. Porto Alegre-RS: Editora Fi, 2017.

_____. Festas do Divino Espírito Santo em Portugal e Além-Mar. **Revista Mosaico**, v. 6, n. 1, p. 107-119, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/2751/1676>. Acesso em: 29 de mai. de 2020.